



REDE  
TEMPO  
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## Diálogos entre Castells e a *Indústria Americana*: um olhar em rede

Ingrid Nogueira do Nascimento Magalhães<sup>I</sup>

De acordo com o que propôs Manuel Castells no prólogo da obra *A Sociedade em Rede*<sup>II</sup>, está ocorrendo na modernidade uma reformulação na base material do modo de produção e uma interdependência global econômica. Desse modo, ao longo da narrativa que o documentário promove, se é possível encontrar concordâncias e atingir um melhor entendimento de sua proposta através da perspectiva sociológica de Castells.

Sob a direção de Julia Reichert e Steven Bognar, *Indústria Americana*<sup>III</sup> é um premiado documentário produzido pela família Obama em 2019, nos Estados Unidos e disponibilizado na plataforma de *streaming Netflix*. Vencedor do Óscar da categoria em 2020, também recebeu diversos prêmios em outros festivais pelo mundo.

A partir de tais considerações, o documentário *Indústria Americana* conta ao longo de sua narrativa parte da história da fábrica de vidro sediada na China *Fuyao*<sup>IV</sup> pela perspectiva de seus funcionários, a partir do momento da montagem de uma filial em Ohio, Estados Unidos. Por sua vez, é a falência e fechamento de uma outra antiga fábrica estadunidense que abre espaço à multinacional chinesa que instaura uma nova cultura organizacional e de condições trabalhistas.

Nesse sentido, funcionários deslocados de uma filial chinesa e trabalhadores locais passam a compartilhar o mesmo ambiente de trabalho e convívio, articulando e afirmando suas diferenças e consonâncias. A *Fuyao* dos EUA, todavia, possuía a maioria de funcionários estadunidenses e, ainda assim, ao longo do filme percebe-se que mesmo havendo poucos funcionários chineses, eram estes a ocuparem os cargos mais altos dentro da empresa, mais uma das motivações que gerarão discordâncias futuras entre seus empregados.

O documentário demonstra principalmente como a diferença de culturas entre chineses e americanos afeta as relações de trabalho. De forma que o modo de produção pautado na rigidez comunista chinesa que, no entanto, relaciona-se ironicamente a um capitalismo de Estado e confunde o entendimento comum sobre os modos de produção. Por outro lado, esta perspectiva é confrontada com a suposta *liberdade capitalista neoliberal* estadunidense. Ambos os modos, entretanto, sendo endossados pela mídia, tal qual também prevê Castells:

(...) a mídia eletrônica (não só o rádio e a televisão, mas todas as formas de comunicação, tais como o jornal e a internet) passou a se tornar o espaço privilegiado da política. Não que toda a política possa ser reduzida a imagens, sons ou manipulações simbólicas. Contudo, sem a mídia, não há meios de adquirir ou exercer poder. Portanto, todos [os partidos políticos, de ideologias distintas] acabam entrando no mesmo jogo, embora não da mesma forma ou com o mesmo propósito.<sup>V</sup>

Vê-se por dentro do documentário o esforço da empresa *Fuyao* em oferecer diversas palestras, eventos, reproduzir em televisores, dentro outros modos de difusão de propaganda, uma mensagem positiva sobre a empresa e que sempre busca defender os interesses comerciais da mesma. Contudo, por uma visão externa, pode-se notar que o próprio documentário faz o

mesmo conosco, ao beneficiar uma visão favorável sobre os estadunidenses e seu modo de produção capitalista (que está longe de ser uma *utopia* da liberdade e dos direitos que a narrativa parece tentar promover).

Nota-se rapidamente a discrepância das relações de trabalho entre chineses e estadunidenses. Torna-se evidente tal perspectiva quando um grupo de funcionários com funções chave na fábrica americana é levado a visitar as instalações da matriz chinesa da *Fuyao* com o objetivo de entenderem o motivo que levava a China a ser tão “mais eficiente” no processo de demanda produtiva e assim, aprenderem seus métodos para emprega-los nos EUA.

Ao lá chegar, os americanos se chocam com a falta de equipamentos de segurança e com o frenético e incansável ritmo fabril dos chineses. Estes possuíam somente uma folga por mês, eram coagidos a cumprirem horas extras sem remuneração, faziam uma jornada de trabalho de 12hs por dia, e raramente tiravam férias, chegando até mesmo a ficarem anos sem ver a própria família.

Foi-se evidenciado também o ritmo quase “maquinário” dos trabalhadores chineses, que pouco falavam, quando necessário abriam mão da hora da refeição e faziam “roboticamente” chamadas em um ritmo que lembra um quartel. Não obstante, os chineses viam os americanos como, em suas palavras, “preguiçosos” que produziam menos por terem sempre sido “mimados” e “reclamarem demais”.

Por esse constructo, mesmo com os desentendimentos em relação a forma de trabalho, ainda assim, foi possível ver no documentário amizades sendo construídas entre americanos e chineses, comprovando a tese castelliana de que mesmo em meio as dificuldades o fortalecimento e estabelecimento das redes sempre serão possíveis.

Dentro dessa perspectiva, têm-se mais uma relação possível com o que Castells afirma. Segundo o autor, quanto mais a globalização se alicerça baseada em redes de informação, poder e atuações com escala supranacional, mais ela se choca em resistências locais. Fundamentadas na perspectiva de uma “identidade”, as fronteiras nacionais e os fundamentalismos terminam por ganharem força.<sup>VI</sup>

Ademais, o filme ainda continua algum tempo após essa visita à China. Nesse cenário, somos confrontados com depoimentos dos estadunidenses criticando as péssimas condições de trabalho chinesa. Nesses termos, parte deles se mobilizam fortemente pedindo pela presença de um sindicato na fábrica americana para que pudessem lutar organizadamente pelos direitos de sua classe.

Tal proposta é rechaçada de vários modos pela empresa, que de acordo com o que é previsto na lei norte-americana, não poderia proibi-los de criar um sindicato. Porém, claramente o faz por via de coação, da mídia e ameaças de demissão.

Nesse cenário, no entanto, como a luta por direitos trabalhistas geraria perda de lucros para a *Fuyao*, a mesma coíbe funcionários, demite líderes sindicais, dentre outras formas de impedir a votação favorável a criação de um sindicato, que de fato, acaba não sendo criado.

Já ao final do documentário, somos abruptamente expostos a uma nova perspectiva que chama atenção: a forte e rápida automação fabril, que faz com que três funcionários em um local em que trabalhavam quatro sejam demitidos e substituídos por máquinas. Estas, mais eficientes para o objetivo monetário, já que não possuem conflitos culturais e que são incapazes de se mobilizarem por direitos trabalhistas. Fato esse, que pode ser determinante para mudar completamente as perspectivas do mundo do trabalho, favorecendo uma reestruturação do capitalismo também apontada por Castells. Lê-se:

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e

DIÁLOGOS ENTRE CASTELLS E A *INDÚSTRIA AMERICANA: UM OLHAR EM REDE*

MAGALHÃES, I. N. DO N.

iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo. Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.<sup>VII</sup>

Nesse contexto, de acordo com o sociólogo, fica claro que as relações humanas não são determinadas unicamente pela tecnologia, até porque, todavia, a tecnologia está intrinsecamente ligada a construção da sociedade em si. Então, o surgimento desses novos maquinários, apontado ao fim do documentário, implica ao fato que, tal mudança pode ser determinante para alterar completamente as perspectivas do *mundo do trabalho*, favorecendo uma reestruturação do capitalismo e da estrutura ocupacional também apontada por Castells<sup>VIII</sup>.

Finalmente, é plausível também identificar outras relações entre o documentário e o sociólogo Manuel Castells, bem como: uma possível fragmentação de movimentos sociais, como a não adesão ao sindicalismo; o fortalecimento das mulheres como força de trabalho; o desmonte de um Estado de bem-estar social; o aumento da concorrência global econômica; o crescimento das desigualdades sociais; dentre outros tantos pontos que não cabem serem aqui abordados, mas que merecem maior atenção em estudos futuros mais abrangentes.

Ademais, vale notar que o documentário põe em xeque questões determinantes que já eclodem há algum tempo em nosso cenário contemporâneo sobre o trabalho, a globalização, a desigualdade social, a exploração do mercado em prol dos lucros e o desemprego estrutural devido a evolução tecnológica. *Como poderemos superar essas questões?* É uma pergunta que fica em aberto dentro de sua narrativa, cabendo somente a nós telespectadores refletir a seu respeito.

## Notas

---

<sup>I</sup> Graduanda em História pela UFRRJ. Faz parte do Grupo de Pesquisa intitulado *Ética, Relações de poder, Subjetividade e Tecnologia* junto à base de dados da CNPq. É bolsista PIBIC-CNPq no projeto *Movimentos sociais e o aparato repressivo na Baixada Fluminense durante a Ditadura Militar (1964-1985)*.

<sup>II</sup> CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 21-24.

<sup>III</sup> *AMERICAN FACTORY*. Direção de Julia Reichert, Steven Bognar. Produção de Higher Ground. Estados Unidos: 2019. Netflix (110 min). Maiores referências disponíveis no site do documentário: <<https://americanfactoryfilm.com/>>. Acessado em: 02 de junho de 2021.

<sup>IV</sup> *Fuyao Glass Industry Group Co., Ltd.* Para mais informações, acesse o site da corporação: <<https://www.fuyaogroup.com/en/>>. Acessado em: 02 de junho de 2021.

<sup>V</sup> CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 367.

<sup>VI</sup> CASTELLS, M. Op. Cit., 1999, p. 22-24.

<sup>VII</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>VIII</sup> Ibidem, Cap. 4.

## Referências

*AMERICAN FACTORY*. Direção de Julia Reichert, Steven Bognar. Produção de Higher Ground. Estados Unidos: 2019. Netflix (110 min).

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.